

# ÚLTIMOS GUARANIS DE SP PODEM PERDER AS TERRAS

Em São Paulo, a 45 quilômetros do centro da cidade, 15 indígenas da tribo guarani — quatro casais e sete crianças — habitam terras da Cúria Metropolitana há 15 anos. Pouco da do seu passado glorioso, mas o culto a seus mortos, a língua nativa que procuram transmitir às novas gerações e a confecção de arcos e flexas, que vendem todos os domingos na feira do Embu ou em alguma esquina do Vale do Anhangabau.

Eles ocupam pequena faixa do terreno de 13 alqueires — 314.600 metros quadrados — que a Arquidiocese de São Paulo recebeu como doação de Lúcia Maria da Conceição, no século passado, e ao qual decidiu dar "destinação social", entregando o uso dessas terras, em regime de comodato, a famílias de lavradores da periferia da cidade. Os índios, porém, não contam com qualquer ajuda, quer da Funai, quer da Igreja, ou da comunidade.

A própria Cúria Metropolitana não sabe o que fazer com os indígenas. O padre Aduino Karan, que substituiu temporariamente o procurador da Cúria, mons. Túlio Grilli, diz que a preservação ou não da tribo

nos terrenos da Igreja "é o grande problema que teremos de estudar, juntamente com os trabalhadores e a comunidade de Campo Limpo que for trabalhar e viver naquelas terras. Para onde eles iriam?"

## NOS CORTIÇOS

Chefiados pelo cacique Gumercindo Firmino da Silva, 59 anos, que transmite aos seus o orgulho de pertencer a uma raça que já dominou o Planalto paulista e hoje está em extinção, os indígenas habitam verdadeiros cortiços, improvisados nos pequenos galpões que um dia serviram ao extinto Instituto Rural "D. Agnelo Rossi", criado e desativado no final da década de 60. Eles cultivam pequena plantação de milho, feijão e mandioca para o sustento da tribo, mas há muito não comem fubá, arroz e sal, "alimentos necessários para o índio", como diz o cacique. As crianças são iniciadas cedo na arte de cortar, tingir e trançar fibras de palha e bambu para as peças de artesanato e com o produto da venda desses trabalhos compram o restante da alimentação diária.

Eles vivem em contato com



O cacique Gumercindo e seu neto José querem um pouco de ajuda enquanto a tribo vive do artesanato



outros grupos indígenas que moram perto da represa de Guarapiranga e na região do Paraná do Sul, comemorando as festas tradicionais ou lembrando o Dia do Índio, instituído pela Funai. Seus "primos", como os chamam, vão periodicamente às terras de Campo Limpo para jogar bola num campo improvisado, ao lado das suas casas.

Nessas ocasiões, eles falam apenas o guarani, "para aju-

dar os mais jovens a aprenderem a nossa língua", diz José Duda, 20 anos, primeiro neto de Gumercindo. Ele critica Juru-na, dizendo que sua atitude "não é coisa de índio", mas diz que "ele é grande líder, pois sempre lutou pela sua gente".

## O PEDIDO

O dia na pequena tribo é tranquilo. Os índios acordam cedo para cultivar a pequena horta, enquanto as mulheres iniciam o trabalho artesanal,

acocoradas sobre pequenos montes de ripas de bambu, com as quais criarão balaios coloridos. As crianças, fracas e desnutridas, brincam com os cães ou ajudam no cozimento dos alimentos. Cada um tem uma tarefa. Pouco se conversa na pequena tribo. Vestido com uma camisa desbotada, rasgada na manga, o velho cacique fica em dúvida quando perguntado se teria algum pedido a fazer à Cúria Metropolitana. A

posse da terra não é um problema imediato para ele, talvez porque já esteja acostumado a ter de deixar sempre os lugares onde sua tribo se instalou no passado. "Os padres poderiam nos dar meio saco de farinha de fubá e mandioca, um pouco de arroz, alho e sal, que dá para o sustento da nossa gente por três semanas. Um ou dois facões também seria bom, para a gente fazer o artesanato", pede ele.